

INCLUSÃO DIGITAL E PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE IDOSOS

Natasha Ramos Palma Domingues¹

Adriana Ramos de Sene²

Lilian Dias Bernardo³

Taiuani Marquine Raymundo⁴

resumo

Introdução: O envelhecimento demográfico apresenta desafios para a sociedade, dentre estes a necessidade de criar oportunidades de engajamento do idoso em atividades sociais e produtivas. Estudos nacionais apontam que a capacitação para o uso de tecnologias, como o *smartphone*, aumenta as possibilidades de interação com outros, melhora a qualidade de vida, sensação de pertencimento e envolvimento social. A inclusão digital do idoso pode contribuir

1 Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: to.natashapalma@gmail.com.

2 Graduada em Terapia Ocupacional. Bacharel em Terapia Ocupacional. Residente em Terapia Ocupacional no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Atenção Hospitalar: Saúde da Mulher do Complexo Hospital de Clínicas UFPR. E-mail: adrianasene.to@gmail.com.

3 Lilian Dias Bernardo. Graduada em Terapia Ocupacional. Doutora em Saúde Coletiva. Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: lilian.bernardo@ifrj.edu.br.

4 Graduada em Terapia Ocupacional. Doutora em Ciências (área de Bioengenharia). Docente do Departamento de Terapia Ocupacional. E-mail: taiuani@ufpr.br.

para integração, ampliação e formação de redes sociais e aumentar a participação social. Objetivo: Analisar as percepções de idosos participantes de um projeto de inclusão digital sobre a relação entre participação social e aprendizado de tecnologia. Método: Estudo de abordagem qualitativa-quantitativa, realizado com 38 idosos inscritos em um Projeto de Inclusão Digital de Adultos e Idosos. Os participantes foram submetidos à Escala de Depressão Geriátrica, para rastreamento de possíveis desordens psiquiátricas. Para a caracterização da amostra, foi aplicado um questionário socioeconômico. Os dados sobre a participação social foram coletados através de questionários estruturados e grupos focais. Para análise dos dados, utilizaram-se técnicas de estatística descritiva, análise de conteúdo e o teste de McNemar. Resultados: Prevaleceu na amostra o sexo feminino (76,3%), idade média de 69 anos (DP = 7,48). Observou-se que, após a oficina de telefone celular, houve aumento na frequência de utilização do *smartphone* para interação com amigos e familiares e agendamento de eventos de participação social. Conclusão: Projetos de inclusão digital oferecidos a pessoas idosas podem contribuir para o aumento da participação social desta parcela da população, em seus contextos cultural, pessoal e virtual.

palavras-chave

Tecnologia. Participação Social. Envelhecimento. Terapia Ocupacional.

1 Introdução

No país, o envelhecimento populacional apresenta diversas problemáticas, como as precárias condições de vida dos idosos, as dificuldades de adaptação às exigências do mundo moderno, a negação de oportunidades, a desqualificação tecnológica e a diminuição na participação social (PASCHOAL, 2016; PINHEIRO, 2018). A participação social, especificamente, definida como uma ocupação que pode ocorrer pessoalmente ou por meio de tecnologias remotas, com vistas ao envolvimento em atividades comunitárias, familiares, bem como aquelas que incluem pares e amigos (AOTA, 2015), é um aspecto essencial na velhice. Nesse sentido, Papalia e Feldman (2013) destacam o engajamento constante e ativo em atividades sociais e produtivas, como um dos componentes principais do envelhecimento bem-sucedido. Ademais, na maturidade, os relacionamentos sociais atuam como fatores de proteção do bem-estar físico e

psicossocial (FERREIRA; BARHAM, 2016). Paradoxalmente, ao se mapear as redes sociais de indivíduos longevos, é possível observar que o conjunto de laços sociais diminui com a idade, englobando números de amigos, familiares que falecem, viuvez, aposentadoria, entre outros, o que pode refletir no isolamento social e afetar diretamente aspectos relacionados à qualidade de vida (NEVES; AMARO, 2015; MENDES *et al.*, 2017).

Com a evolução tecnológica em grande escala, os contextos e ambientes virtuais têm se apresentado como alternativas para integração, ampliação e formação de redes sociais. Diante disso, as possibilidades de desempenho da participação social para o idoso não se restringem apenas ao contato físico, mas podem se estabelecer pela utilização da tecnologia. Dessa maneira, é possível um maior engajamento com a comunidade, assim como manter contatos e estabelecer novas relações, que contribuem para amenizar as perdas afetivas e o isolamento social (ALVES; OLIVEIRA, 2015; GOULARD *et al.*, 2013; RAMOS; GIL; 2014). No entanto, quando se trata da inclusão digital de idosos, é necessário que a sociedade supere diversos fatores como questões culturais, financeiras, disponibilidade de tempo, condições de saúde, motivações e interesses deste público em incluir-se (TAVARES; SOUZA, 2012). Alguns dos obstáculos são gerados por meio de construções de estereótipos, sendo estes criados pela associação da velhice a aposentadoria, doenças, declínios de capacidades físicas e potencialidades. Esses conceitos podem vir a acentuar a autoimagem que o idoso tem de si mesmo como incapaz de aprender algo novo, fortalecendo o viés da infoexclusão (KACHAR, 2010; RAMOS; GIL, 2014).

Vale ressaltar que apesar das modificações advindas do processo de envelhecimento, os adultos tardios apresentam plasticidade cognitiva e são capazes de obter novos conhecimentos, ainda que com ritmos de aprendizagem e necessidades individuais distintas dos mais jovens (BERNARDO; RAYMUNDO, 2018). Nesse cenário, o terapeuta ocupacional intervém nos ambientes físicos e sociais que vão de encontro à acessibilidade do idoso aos contextos virtuais, por meio do favorecimento do gerenciamento da comunicação e da justiça ocupacional (AOTA, 2015). Assim, o aprendizado e manuseio das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) surgem como alternativas de interação social aos idosos, que se encontram em situações de isolamento e de necessidade de suporte, provenientes da escassez de parceiros sociais (FERREIRA; BARHAM, 2016). Estudos relatam a importância de se promover espaços para ensino da tecnologia para os idosos, pois quando estes percebem a oportunidade de romper a crença de impossibilidades de novos aprendizados, há um considerável avanço no desenvolvimento, inclusive no meio familiar, o que leva, conseqüentemente, à melhoria da sua saúde e participação social (DOLL; MACHADO, 2011; GOULARD *et al.*, 2015).

Neste sentido, as atividades relacionadas ao uso das TIC por idosos e desenvolvidas por terapeutas ocupacionais contribuem para favorecer trocas, proporcionando intergeracionalidade e diminuição da exclusão social (MENEZES *et al.*, 2016). A capacitação para o uso de TIC e equipamentos tecnológicos aumenta as possibilidades de interação com o outro, propicia melhor qualidade de vida, sensação de pertencimento, envolvimento social e melhoria nas relações sociais. A conectividade se mostra como fator propulsor para a aproximação de familiares, pares e comunidade, tanto no sentido da comunicação quanto no conhecimento e ampliação do repertório individual sobre manuseio das tecnologias (ALVES; OLIVEIRA, 2015; MENDES *et al.* 2017).

2 Objetivo

Em face ao exposto, surgiu a seguinte indagação: qual a relação entre o conhecimento e aprendizagem de conteúdos relativos à tecnologia e a participação social de idosos? Para investigar e responder a essa questão, este estudo propõe analisar as percepções de idosos participantes de oficina de inclusão digital sobre a relação da participação social e aprendizado da tecnologia. Busca-se debater sobre novas possibilidades de participação social decorrentes do aprendizado e utilização bem-sucedida de TIC e equipamentos tecnológicos pelo público idoso.

3 Métodos

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e longitudinal, com abordagem qualitativa-quantitativa, o qual teve início em setembro de 2018 com final em maio de 2019. Sobre o cenário da pesquisa, o presente estudo foi realizado em um projeto de extensão de inclusão digital de uma universidade federal. Com periodicidade semestral, o projeto oportuniza à adultos e idosos o conhecimento e utilização independente de TIC e dispositivos tecnológicos, em ambiente doméstico e laboral. No que se diz respeito a este estudo, os dados foram coletados junto a idosos participantes das oficinas de telefone celular comum e *smartphone* de um projeto de extensão coordenado por docentes do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná.

O projeto é atual, ocorre nas dependências do referido departamento, o qual conta com espaço amplo, arejado, com conexão a internet (os participantes recebiam um *login* e senha para acesso a rede móvel da universidade). A cada semestre é realizada uma oficina com 12 encontros, com uma média

de 20 participantes. Dois encontros são destinados a coleta de dados e 10 às aulas para instrumentalização para o uso de telefone celular comum e *smartphone*. As aulas têm duração de 120 minutos e são oferecidos 30 minutos para atendimento às dúvidas dos participantes, antes do início de cada aula. O mobiliário (cadeiras e carteiras) é organizado em formato de ilhas e um aluno extensionista é responsável pelo ensino de dois idosos.

O projeto tem como filosofia a abordagem centrada no cliente, pois as necessidades e interesses de cada participante são considerados como central para a tomada de decisões sobre as conduções dos encontros. Além das aulas, a cada encontro, os extensionistas organizam um café para todos os integrantes da oficina, promovendo espaços de socialização e interação. Os temas que os idosos apresentam maior interesse em aprender são: funções de configuração (contraste, brilho, volume), acessibilidade (aumento do tamanho das letras), redes sociais (*Facebook* e *Instagram*), aplicativos de mensagem (*WhatsApp*), ligações com ou sem vídeo, acesso a sites e ao *e-mail*.

Os participantes deste estudo foram recrutados mediante divulgação realizada junto aos idosos que participaram do projeto entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019. Os critérios de inclusão utilizados na seleção dos indivíduos foram: pessoas que possuíam o telefone celular (comum ou *Smartphones*) com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os gêneros, procedentes de Curitiba ou região metropolitana, de qualquer estado civil, de qualquer classe econômica e escolaridade e que tivessem interesse em participar de projetos de inclusão digital.

Em relação às considerações éticas, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sob o parecer de número 187.8478. Os idosos que aceitaram participar da pesquisa foram informados dos objetivos da pesquisa, tendo assegurado o anonimato e sigilo às respostas e relatos fornecidos e, em seguida, estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para este estudo, definiu-se que as coletas de dados seriam por meio de instrumento padronizado de avaliação, questionários e a técnica do grupo focal nos dois momentos supracitados de cada oficina de inclusão digital. Para a caracterização da amostra, foi utilizado um questionário semiestruturado com informações referentes aos dados socioeconômicos, condições de saúde e informações sobre o uso do celular. Esses dados foram coletados em setembro de 2018 e março de 2019, nos primeiros encontros da oficina de Telefone Celular, em cada semestre. De forma complementar, foi utilizada a Escala de Depressão Geriátrica de Depressão. O objetivo da utilização da referida avaliação foi identificar presença de transtornos de humor, como a depressão, e comparar se houve mudanças após a realização da oficina.

Como medidas de resultado, foram utilizados questionários estruturados sobre a participação social e sua relação com o uso do telefone celular, aplicados no primeiro e no último dia de cada oficina. No último encontro de cada oficina, foi aplicado o questionário sobre a participação social pós-oficina, instrumento desenvolvido pelas pesquisadoras, com sete perguntas fechadas que abordaram aspectos relativos ao envolvimento em atividades de participação social, interação com familiares e amigos, utilização do celular para marcar eventos e para reencontrar amigos do passado. O questionário foi aplicado pelas pesquisadoras no último dia de cada oficina.

A obtenção dos dados para identificação das percepções e sentimentos dos participantes sobre a participação social e uso de tecnologias foi feito por meio do grupo focal. Ao todo, foram realizadas quatro coletas, dois no segundo semestre de 2018 (pré-oficina e pós-oficina) e dois no primeiro semestre de 2019 (pré-oficina e pós-oficina). Em todos eles, houve colaboração dos extensionistas no desempenho dos papéis de mediador, observador, operador de gravação e áudio. Os elementos disparadores e roteiro dos grupos foram pré-estabelecidos pelas pesquisadoras, destacando perguntas relacionadas aos motivos e expectativas vinculados à participação do projeto de inclusão digital, percepção do significado do termo participação social e o quanto o aprendizado e manuseio do *smartphone* podem favorecer a participação social.

A organização dos dados da pesquisa foi realizada por meio de registro *on-line* dos questionários impressos – socioeconômico e participação social – na plataforma *Google Forms*[®]. Os dados quantitativos referentes ao questionário socioeconômico, questionário estruturado de participação social e EDG foram analisados por meio do método de estatística descritiva. A comparação das respostas pré e pós-oficina do questionário de participação social e da EDG foi realizada por meio do teste de McNemar. As análises foram elaboradas utilizando-se o SPSS - *Statistics* versão 22.0 e, para todas as comparações, adotou-se um nível de significância de 5%. Em relação aos dados qualitativos dos grupos focais, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo segundo a perspectiva de Bardin (BARDIN, 2011).

4 Resultados

Participaram do estudo nove homens e 29 mulheres, com idades que variaram entre 60 e 89 anos e média de idade de 69 anos (DP=7,48) dos quais, 13 eram casados (as), 14 tinham entre 11 e 15 anos de estudo e 12 possuíam renda de três a cinco salários mínimos.

Tabela 1 – Características socioeconômicas dos participantes (N=38).

Gênero	N	%
Feminino	29	76,3
Masculino	9	23,7
Estado civil	N	%
Solteiro (a)	4	10,3
Casado (a)	13	33,3
Divorciado (a)	8	20,5
Viúvo (a)	13	34,2
Escolaridade	N	%
Ensino Fundamental incompleto	2	5,26
Ensino Fundamental completo	4	10,5
Ensino Médio	13	34,2
Ensino Superior incompleto	5	13,1
Ensino Superior completo	14	36,8
Renda	N	%
Até 1 salário-mínimo	6	15,7
De 1 a 3 salários-mínimos	7	18,4
De 3 a 5 salários-mínimos	12	31,5
Mais de 5 salários-mínimos	11	28,9
Não revelaram a renda	2	5,2
Condições de saúde	N	%
Hipertensão Arterial	5	13,2
Diabetes Mellitus	5	13,2
Doenças Osteomusculares	9	23,7
Nenhuma	14	36,8
Outras doenças crônicas	9	23,7

Fonte: As autoras, 2019.

No que se diz respeito à Escala de Depressão Geriátrica, dois participantes apresentaram pontuação que indicava suspeita de depressão na EDG, variando entre seis a oito pontos e média de sete pontos (DP=1,41). Os demais participantes pontuaram entre zero e cinco pontos com média de 2,3 pontos (DP=1,57). Após a realização da oficina, apenas um dos dois idosos com suspeita de depressão continuou a apresentar pontuação dentro da nota de corte. Contudo, tal participante obteve dois pontos a menos que na avaliação aplicada anteriormente a oficina, (pré=8 e pós=6) os quais se referiram às questões “vale a pena viver como vive agora?” e “acha que sua situação sem solução” (após-oficina o participante respondeu que sim para as duas questões). Ressalta-se, porém, que após análise estatística, não houve significância na comparação da EDG aplicada antes e após a oficina.

Apesar de não haver significância estatística, de acordo com a comparação do questionário de participação social, pré e pós-oficina, apresentada detalhadamente na Tabela 2, é possível notar variação positiva nas respostas dos participantes quanto ao grau de envolvimento em atividades de participação social (questão 1), nos tipos de atividades de participação social (questão 2), na interatividade via celular (questão 3), na utilização de celular (*WhatsApp* e SMS) para agendar eventos com familiares (questão 4) e para encontrar amigos do passado (questão 9). Em contraponto, houve variação negativa na frequência de participação em eventos familiares e com amigos (questões 6 e 7), bem como na relação entre a comunicação por meio do celular e o agendamento de eventos de participação social (questão 10).

Tabela 2 – Respostas ao questionário de participação social (N = 38).

Questões	%									
	Não participo		Participo pouco		Participação mediana		Muito participativo		Total	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós		
1. Qual o seu grau de envolvimento em atividades gerais que promovam participação social?	10,5	10,5	26,3	18,4	44,7	44,7	18,4	26,3	100	
Questões	%									
	Gosto de ficar sozinho		Comunicação com familiares e amigos		Participação de grupos sociais		Através de passeios e viagens		Quando participo de cursos	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
2. De que forma o(a) Sr(a) se sente mais participativo(a) socialmente?	23,7	23,7	78,9	81,6	39,5	44,7	68,4	60,5	63,2	73,7
Questões	%									
	Não participo		Participo pouco		Participação mediana		Muito participativo		Total	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós		
3. Como o Sr(a) avalia a participação social através da utilização do celular?	13,2	2,6	21,1	13,2	42,1	36,8	23,7	47,4	100	
Questões	%									
	Celular (mensagens)		Celular (ligações)		Redes sociais		Telefone Residencial		Total	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós		
4. Como são feitos os combinados para os eventos com os familiares?	68,4	84,2	63,2	57,9	18,4	13,2	47,4	26,3	36,8	28,9

Questões	%									
	Não frequente		Frequentado pouco		Mediana		Frequentado muito		Total	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
6. Com que frequência o(a) senhor(a) participa de eventos familiares?	2,6	0	23,7	15,8	23,7	36,8	50	47,4	100	
7. Com que frequência o(a) senhor(a) participa de eventos com amigos?	0	0	23,7	21,1	36,8	42,1	39,5	36,8	100	
Questões	%									
	Pouco		Talvez		Muito		Total			
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
9. O(a) Sr(a) acredita que aprender a utilizar o celular pode permitir encontros com amigos do passado?	2,6	0	15,8	7,9	81,6	92,1	100			
Questões	%									
	Sim		Não		Total					
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
10. Já deixou de convidar familiares, amigos e/ou ente queridos para algum evento que envolva participação social por não conseguir se comunicar através do celular?	18,4	28,9	81,6	71,1	100					

Fonte: As autoras, 2019.

Notou-se significância estatística ($p=0,05$) em duas das dez questões propostas (Tabela 3). Em relação à pergunta “Como são feitos os combinados para eventos com amigos”, na pré-oficina, 31,6% dos idosos disseram não utilizar celular (*WhatsApp* e mensagem de texto). Na pós-oficina, esse número caiu para 13,2% ($p=0,039$). Dos 38 idosos, 44,7% disseram combinar eventos pessoalmente com os amigos, na pré-oficina. Na pós-oficina, 21,1% do total de participantes ainda referiu essa forma de interação ($p=0,012$).

Sobre a participação em atividades no bairro e/ou comunidade antes da oficina, 36,8% dos participantes marcou no questionário que participavam e, na pós-oficina, esse número aumentou para 57,9% ($p=0,021$). No que se diz respeito à frequência da participação nessas atividades, após a oficina, 55,3% dos idosos responderam participar de forma semanal (anteriormente eram 36,8%) ($p=0,03$).

Tabela 3 – Comparação das respostas pré e pós-oficina do questionário de participação social – Teste de McNemar (Valor-p = 0,05).

		Pós-oficina				
		Não	Sim	Total		
<i>WhatsApp</i>	Pré-oficina	Não	N	4	8	12
			%	10,5%	21,1%	31,6%
	Sim	N	1	25	26	
		%	2,6%	65,8%	68,4%	
	Total	N	5	33	38	
		%	13,2%	86,8%	100,0%	

Valor-p = 0,039

Q5. Como são feitos os combinados para eventos com amigos?

			Pós-oficina			
			Não	Sim	Total	
Pessoalmente	Pré-oficina	Não	N	20	1	21
		%		52,6%	2,6%	53,3%
	Sim	N	10	7	17	
		%		26,3%	18,4%	44,7%
	Total	N	30	8	38	
		%		78,9%	21,1%	100,0%

Valor-p = 0,012

Q8. O(a) senhor(a) participa de alguma atividade em seu bairro ou comunidade? Se sim, com que frequência?

			Pós-oficina			
			Não	Sim	Total	
Sim	Pré-oficina	Não	N	15	9	24
		%		39,5%	23,7%	63,2%
	Sim	N	1	13	14	
		%		2,6%	34,2%	36,8%
	Total	N	16	22	38	
		%		42,1%	57,9%	100,0%

Valor-p = 0,021

			Pós-oficina			
			Não	Sim	Total	
Não	Pré-oficina	Não	N	13	1	14
		%		34,2%	2,6%	36,8%
	Sim	N	10	14	24	
		%		26,3%	36,8%	63,2%
	Total	N	23	15	38	
		%		60,5%	39,5%	100,0%

Valor-p = 0,012

Q8. O(a) senhor(a) participa de alguma atividade em seu bairro ou comunidade? Se sim, com que frequência?

		Pós-oficina				
		Não	Sim	Total		
Semanalmente	Pré-oficina	Não	N	16	8	24
			%	42,1%	21,1%	63,2%
	Sim	N	1	13	14	
		%	2,6%	34,2%	36,8%	
	Total	N	17	21	38	
		%	44,7%	55,3%	100,0%	

Valor-p = 0,039

Fonte: As autoras, 2019.

A Tabela 4, a seguir, representa quantitativamente a percepção dos idosos acerca dos impactos decorrentes do aprendizado do manuseio do celular na participação social, pós-oficina. Os dados obtidos indicaram melhora significativa no envolvimento em atividades de participação social, comunicação e interatividade via telefone celular, além da interação com familiares e amigos. A utilização do celular para marcar eventos com amigos prevaleceu em comparação à mesma utilização com grupos familiares. Vale destacar que dos 38 participantes, 34,5% declararam não utilizar o celular para reencontrar amigos do passado.

Tabela 4 – Respostas ao questionário de participação social pós-oficina.

Questões	%				
	Não	Pouco	Mediano	Muito	Total
Q1. O(A) Sr(a) acredita que aprender a utilizar o celular contribuiu para o seu envolvimento em atividades de participação social?	2,5	5,3	13,2	78,2	100
Q2. Aprender a manusear o celular permitiu uma maior interação do(a) Sr(a) com familiares e entes queridos, favorecendo também a participação em eventos com estes?	0	0	23,2	76,3	100
Q3. Aprender a manusear o celular permitiu uma maior interação do(a) Sr(a) com amigos, favorecendo também a participação em eventos com estes?	0	0	28,9	71,1	100

Questões	%				
	Não	Pouco	Mediano	Muito	Total
Q4. Após a realização da oficina, o Sr(a) avalia a melhora da participação social através da comunicação e interatividade via celular?	0	0	13,2	81,6	100
Q5. O(A) Sr(a) passou a realizar combinados para eventos familiares com mais frequência através da utilização do celular após realização da oficina?	2,6	7,9	23,7	55,8	100
Q6. O(A) Sr(a) passou a realizar combinados para eventos com amigos com mais frequência através da utilização do celular?	2,6	10,5	15,8	71,1	100

Questões	%		
	Não	Sim	Total
Q7. Após realizar a oficina o(a) Sr(a) utilizou o celular para reencontrar amigos do passado nas redes sociais?	34,5	65,8	100

Fonte: As autoras, 2019.

No que se refere aos grupos focais realizados pré-oficina, estiveram presentes 17 idosos no segundo semestre de 2018, e 19 participantes no primeiro semestre de 2019. Já nos grupos focais realizados pós-oficina, o número de participantes se manteve em 17 no segundo semestre de 2018, e 18 no primeiro semestre de 2019. A análise dos dados referentes aos grupos focais pré e pós-oficina apontou para regularidades discursivas que deram origem às seguintes categorias: (a) motivos e expectativas para a participação na oficina de inclusão digital; (b) participação social; (c) participação social e a relação com a tecnologia. O Quadro 1, abaixo, ilustra as categorias e um recorte do relato dos participantes.

Categorias pré e pós-oficina	Recorte de relato dos participantes pré-oficina	Recorte de relato dos participantes pós-oficina
<p>Motivos e expectativas para a participação na oficina de inclusão digital</p>	<p>Ah, porque como eu moro sozinha eu não sei manusear bem o celular, e eu vivo pedindo favores, né? Peço para o vizinho, peço até para o porteiro (risos). Então, quando eu ligo, as filhas ligam (ai, mãe, mas mexe aqui), filhos não têm muita paciência, né? Então, foi por este motivo (P14). Apesar de assim da gente ter a nossa idade, nós queremos também independência, nós não queremos ficar "ah, fulano" ou neto, filho, nós não queremos nada disso, nós queremos chegar e mandar "brasa" entende? Nós queremos saber realmente (P32).</p>	<p>Eu não sabia praticamente quase nada, incomodava muito o vizinho, agora eu tô praticamente ensinando ele, né? Então assim, foi maravilhoso. Se depender do que eu digo pras pessoas, do que foi pra mim o curso, eu acho que o ano que vem vocês terão quatro vezes mais alunos (P14). As minhas expectativas eram em termos de aprimorar o que eu já sabia. E foi excelente! Eu consegui aprender muito mais, acima do que estava esperando. A professora? Excelente! Só tenho que dizer que foi impecável. O que ela ensinou foi fácil de assimilar (P16).</p>
<p>Participação social</p>	<p>Isso é o mais importante da vida da gente, né? Você tendo essa participação social você vive mais, você aprende mais, você tem essa autoestima, tudo na vida, tudo, tudo, porque eu não sei viver sem "lá" participando, socializando com outras pessoas, né? Não sei se todo mundo é assim, porque quanto mais você se fecha, daí vem problemas sérios. Então, vamos participar né? E como sempre, aprendendo e socializando. Quanta amizade você faz, né? Quantas amigas, quantos cafézinhos. (P16) Eu acho que é a gente se socializar mais, né? Às vezes, a gente fica muito em casa, né? Então, acho que a gente precisa mesmo sair mais, né? Viver mais em sociedade. (P6)</p>	<p>Conhecer pessoas, fazer novas amizades, participar de um grupo, é isso aí. E isso aqui proporciona esse fato de fazer amigos (P15). Além do telefone a gente aprendeu também, fizemos amigos. Eu e minha parceira ali ó, estamos "assim". Os outros também, né, gostamos muito, mas a minha parceira ali mais, porque estávamos juntas (P14). Participação Social é em resumo o que estamos fazendo hoje aqui. Nós participamos com todos. Até ontem eu não conhecia ela, ela, ele... hoje eu conheço. Por quê? Porque eu estou fazendo uma participação social de um grupo de estudos. Essas meninas são terríveis! Elas nos ensinam o que nós devemos colher dessa vida, que é a bondade, a simplicidade, aquilo que faz com que nos tomemos amigos em um minuto (P12).</p>

Categorias pré e pós-oficina	Recorte de relato dos participantes pré-oficina	Recorte de relato dos participantes pós-oficina
<p>Participação social e a relação com a tecnologia</p>	<p>[...] para mim é ótimo, porque sempre estou conversando com a minha filha, que ela tá lá na Holanda e sempre estamos conversando no <i>WhatsApp</i>, né? É assim, ela tá lá longe, mas estamos bem perto conversando, que isso pra mim é muito bom (P26). Eu vejo que no passado a gente tinha que escrever cartas para chegar perto de alguém e levar coisas que você queria. Hoje em dia você passa a mão no "zapzap" e já foi. Então você se expressa melhor, você consegue socializar mais, você consegue chegar na pessoa com muito mais facilidade, né? Chegar na vizinha e perguntar: "Você tem 'zap'?" Precisa de alguma coisa? Pega o meu. Pode ser que ela não te dê o dela, mas você dando o seu você já abre o carminho, né? (risos) (P17). Com o passar do tempo e a mudança, claro que vai mudando, vem essa tecnologia que é um celular, computador é muito bom, é rápido, mas não traz muita coisa também, porque vão se distanciando as crianças, os jovens não te dão mais atenção, nem um bom dia, nem um boa tarde para um avô para uma avó. Então tem tudo isso. É bom por um lado e para o outro também tem que cuidar, que não é todo mundo que cuida (P16)</p>	<p>A gente passou a passar mais <i>whats</i> para os amigos, fotos. Foi uma integração muito boa, sendo assim a participação social aumentou pois convidamos mais os amigos, coisas que nós não sabíamos fazer, aprendemos muito. Então foi, ampliou mais o conhecimento pra toda turma praticamente, né? (P32). Na realidade, ficou muito mais fácil de a gente programar festinhas, reuniões, passeios, né? Ver como é que está a família, como é que estão os amigos, como é que está a saúde de todo mundo, ver o que a gente pode ajudar e melhorar a sua própria vida e a vida dos outros também (P17). Pela comunicação rápida, né? Que a gente tem através do celular, né? Tem vários meios, pelo <i>whats</i>, pelo <i>Facebook</i> e <i>Messenger</i>, né? A gente tem uma facilidade muito grande de ter essa participação, de contatar com os amigos, né? Combinar atividades, festas. Então, seria isso (P8).</p>

Fonte: As autoras, 2019.

No presente estudo, observou-se que o perfil sociodemográfico apresentou, em sua amostra, a prevalência do sexo feminino. O resultado pode ser enquadrado em uma pesquisa apresentada por Cardoso e colaboradores (2014), na qual o grupo de pessoas era em sua maioria composto de mulheres, com a justificativa de que estas se mostraram mais interessadas em participar de novas experiências e aprender coisas novas. Nesse mesmo estudo, quando o grupo foi questionado sobre o motivo da prevalência feminina, a justificativa dada foi de que os homens acreditam que já passou o tempo de aprender, de ter novas experiências, por isso ficam em casa isolados, muitas vezes com sintomas depressivos.

Nos grupos focais pré-oficina, houve recorrência discursiva dos idosos à vontade de aprender a manusear o *smartphone* com o objetivo de se atualizar, de acompanhar o avanço da tecnologia e de participar socialmente de maneira mais ativa, ou seja, sem a dependência dos filhos, netos e terceiros. Em um estudo realizado por Lolli *et al.* (2015), a maioria dos idosos mostrou-se motivado para utilizar as TIC para se manter atualizado. Tal interesse em atualizar-se nasce de buscar novos conhecimentos básicos relacionados à tecnologia, objetivando melhorar qualidade de vida, comunicação e autonomia (ALVES; OLIVEIRA, 2015; ALVARENGA *et al.* 2018).

No que se diz respeito à categoria “participação social” nos grupos focais pré-oficina e pós-oficina, os idosos relacionaram o termo à longevidade, interação social com amigos e família, compartilhar momentos e convivência intergeracional. Alguns relatos demonstraram o significado de participar de grupos, fazer novas amizades e interagir. Ao analisar a narrativa dos participantes nos grupos focais pós-oficinas, foi possível constatar que o grupo de inclusão digital foi um potencial propulsor da socialização. Para Belaunde e colaboradores (2018), a convivência decorrente da inserção em um determinado grupo gera a oportunidade de ampliação da consciência individual e social, a formação de vínculos afetivos e bem-estar psicológico. Nesta perspectiva, iniciativas socioeducativas, como oficinas de inclusão digital, podem possibilitar a sensação de pertencimento e possibilidade de construção de novos vínculos sociais e afetivos (VECHIATO; VIDOTTI, 2010; SILVA; CORREA; FONSECA, 2016; MENDES *et al.*, 2017).

Sobre a categoria “participação social e a relação com a tecnologia”, os idosos atrelaram a tecnologia à possibilidade de encurtamento de distância de familiares e entes queridos, e apontaram-na como facilitadora no processo de comunicação. O aplicativo *WhatsApp*® foi elencado como uma ferramenta

de interação social tanto para conversar com quem está em outros países, como para favorecer o agendamento de encontros. De acordo com o relato dos participantes, estes passaram a utilizar mais o aplicativo para contato com familiares e amigos após a realização da oficina. Os dados quantitativos, obtidos neste estudo, se coadunam com tal perspectiva, pois, ao serem indagados sobre a forma como marcam encontros com familiares e amigos, afirmou-se ser o celular a ferramenta mais utilizada. Além disso, mediante os resultados obtidos na aplicação do questionário pós-oficina, melhora significativa em atividades que promovem participação social através da utilização do celular. Segundo Larsson *et al.* (2017), os idosos procuram participar socialmente, por meio de tecnologias, para ampliar o contato social com os familiares, amigos, entes queridos e iniciar novos contatos sociais. O número crescente de *smartphones* e aplicativos de comunicação, como o *WhatsApp*, promove rapidez na comunicação, o que pode vir a diminuir o isolamento social (VECHIATO; VIDOTTI, 2010; SALES *et al.*, 2014; ALVARENGA *et al.*, 2018).

Por outro lado, uma participante relatou que, mesmo com tantos benefícios, em alguns momentos, a tecnologia pode ser considerada como uma barreira às relações sociais. Nesse sentido, a literatura traz que as mudanças na interação social decorrente do uso de tecnologias digitais podem inibir a interação física, resultando em problemas sociais como depressão, solidão e separação do convívio social. As interações virtuais, quando priorizadas, levam os indivíduos a descuidarem de relacionamentos familiares importantes, como casamento, relações entre pais e filhos e relacionamentos com parceiros não virtuais (FORTIM; ARAÚJO, 2013; SILVA; SILVA, 2017). Entretanto, nos grupos focais realizados pós-oficina, não houve relatos sobre os aspectos negativos da tecnologia.

Os dados analisados acerca da participação em eventos no bairro e comunidade, na percepção dos idosos, assinalaram aumento significativo, após o comparecimento às oficinas de inclusão digital. A importância do envolvimento em atividades no meio social, segundo Tavares e colaboradores (2016), está relacionada à ampliação e troca de experiência, sentimento de utilidade e pertencimento que influenciam aspectos cognitivos, físicos, funcionais e a própria longevidade. Diante disso, os conhecimentos ampliados do terapeuta ocupacional sobre o indivíduo em processo de envelhecimento e das ocupações auxiliam na redução de barreiras psicossociais e melhoram as condições de acessibilidade do idoso às TIC, sendo a inserção desse profissional em projetos de inclusão digital legitimada não só pela ação direta sobre determinantes sociais da saúde, como a educação, mas fundamentalmente por sua preocupação em implementar estratégias de promoção da participação social pela criação de espaços de socialização e pelo envolvimento no fazer *com* indivíduos (TOWNSEND; MARVAL, 2013).

A efetividade de programas educacionais de inclusão digital de idosos, conduzidos por terapeutas ocupacionais, é potencializada pela maneira como são estruturados. A prática terapêutico-ocupacional que perpassa a organização de propostas facilitadoras da acessibilidade digital é orientada pelo respeito às particularidades e dificuldades dos participantes, preferências e ritmo de aprendizagem, de modo a favorecer a autonomia e independência em diversas ocupações, dentre elas a participação social (MENESES *et al.*, 2016; BERNARDO; RAYMUNDO, 2018).

6 Conclusão

As percepções dos idosos e idosas deste estudo apontam para olhares pertinentes no que se diz respeito à relação entre inclusão digital e participação social. Os integrantes das oficinas de inclusão digital do projeto IDAI, em sua grande maioria, após aprimorarem os conhecimentos acerca do uso do *smartphone*, passaram a utilizá-lo com mais frequência como ferramenta facilitadora de encontros com familiares e amigos, assim como em eventos de participação social. Ainda, de acordo com as percepções dos participantes, foi possível identificar que espaços destinados à capacitação de idosos favorecem a socialização e a intergeracionalidade. Nesse sentido, o projeto de extensão, elaborado e conduzido por terapeutas ocupacionais, tem contribuído não só para a aprendizagem, atualização de conhecimento e inclusão digital, mas para a redução das disparidades ocupacionais de participação social de indivíduos longevos.

O presente estudo contribuiu para ressaltar a importância de iniciativas de inclusão digital voltadas para idosos, já que, de acordo com a pesquisa, estes passaram a se considerar participativos em seus contextos (cultural, pessoal e virtual), após a realização das oficinas. Como limitação do estudo, destaca-se a ausência de literatura específica da terapia ocupacional, no que se refere à temática central da pesquisa. Em virtude disso, é possível identificar a necessidade de novos estudos para assegurar a importância de iniciativas de inclusão digital de idosos, com objetivo de promoção da participação social. Apesar dos ganhos significativos, notou-se também a importância da utilização de um questionário padronizado de fácil interpretação pelos participantes, para obtenção de dados quantitativos mais consistentes e de maior relevância estatística. O estudo apresenta outra limitação – a ausência de *follow-up* para identificação das possíveis melhoras alcançadas pela inclusão digital na participação social – não permitindo a análise dos possíveis benefícios das

oficinas a longo prazo. Por fim, sugere-se a continuidade e investimento na busca de evidências científicas dos efeitos das oficinas de inclusão digital na participação social de idosos, tendo em vista os benefícios que estas iniciativas proporcionam para essa parcela da população.

DIGITAL INCLUSION AND OLDER ADULTS' SOCIAL PARTICIPATION

abstract

Introduction: Demographic aging presents challenges for society, among them, the need to create opportunities for the older adults to engage in social and productive activities. Brazilian studies indicate that training for the use of technologies, such as smartphones, increases the possibilities of interaction with others, improves quality of life, sense of belonging and social involvement. The digital inclusion of the older adults can contribute to the integration, expansion and formation of social networks and increase social participation. Objective: To analyze the perceptions of older adults' participants of a project of digital inclusion on the relation between social participation and technology learning. Method: A qualitative-quantitative approach, carried out with 38 older adults' participants of the Digital Inclusion Project for Adults and Older Adults (IDAI). Participants were submitted to the Geriatric Depression Scale for the screening of possible psychiatric disorders. For the characterization of the sample, a socioeconomic questionnaire was applied. Data on social participation were collected through structured questionnaires and focus groups. For data analysis, the techniques of descriptive statistics, content analysis and McNemar's test were used. Results: The female gender (76.3%) prevailed, with a mean age of 69 years (SD = 7.48). It was observed that, after the cell phone workshop, there was an increase in the frequency of use of smartphones for interaction with friends and family and for scheduling social participation events. Conclusion: Digital inclusion projects offered to older adults can contribute to increase the social participation of this part of the population, in their contexts (cultural, personal and virtual).

keywords

Technology. Social participation. Aging. Occupational therapy.

referências

- ALVARENGA, Glaucia Maria de Oliveira; DELFINO, Lais Lopes; SILVA, Lais dos Santos Vinhoti; YASSUDA, Monica Sanches; CACHIONI, Meire. Idosos e inclusão digital com tablet: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 125-142, 2018.
- ALVES, Maria Tereza Gonzaga; SOARES, José Francisco. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. *Opinião Pública*, Campinas, v. 15, n.1, p. 1-30, Jun. 2009
- ALVES, Paulo Vicente; DE OLIVEIRA, Regina Célia. Tecnologias de comunicação e interação e envelhecimento humano: a busca da inclusão social pela inclusão digital. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 12, n. 3, p. 234-244, set./dez. 2015.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL (AOTA). Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio e Processo 3.^a Ed. *Revista de Terapia Ocupacional Universidade São Paulo*: jan.-abr. 2015; 26(ed. esp.):1-49.
- BELAUNDE, Aline Arakawa *et al.* Vivências acadêmicas e ações de promoção da saúde em uma instituição de longa permanência para idosos: relato de experiência fonoaudiológica. *Revista Distúrbios da Comunicação*. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 385-391, jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/32584/25746>. Acesso em: 01 mai. 2019.
- BERNARDO, Lilian Dias; RAYMUNDO, Taiuani Marquine. Idosos na Era Digital: relato de experiência de um projeto de extensão universitária. In: BERNARDO, L. D.; T. M., RAYMUNDO. *Terapia ocupacional e Gerontologia: interlocuções e práticas*. Curitiba: Appris, 2018. p. 21-30.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Projeções da População: Brasil e Unidades da Federação (Revisão 2018)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Série Relatórios Metodológicos, 2018.
- CARDOSO, Raul Garcia Souza *et al.* *Os Benefícios da informática na vida do idoso*. Computer on the Beach. Maranhão, São Luís: 2014.
- DE MENESES, Katia Vanessa Pinto *et al.* TO clicando - inclusão social e digital de idosos. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v.24, n.3, p.621-628, 2016.
- DOLL, Johannes; MACHADO, Letícia Rocha. O idoso e as novas tecnologias. In: Freitas, E.V.; P. V, L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 1664-1671.
- FERREIRA, Heloísa Gonçalves; BARHAM, Elizabeth Joan. Relações sociais, saúde e bem-estar na velhice. In: DE FREITAS, Elizabeth Viana. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 1490-1497.
- FORTIM, Ivelise; DE ARAUJO, Ceres Alves. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 33, n. 85, p. 292-311, dez. 2013.
- GOULARD, Denise *et al.* Inclusão digital da adultez tardia e o reencantamento com a aprendizagem. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 137-152, 2013.
- GOULARD, Denise *et al.* Efeitos de oficinas de inclusão digital em adultos para um envelhecimento saudável. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 959-973, 2015.
- KACHAR, Vitória. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 131-147, nov. 2010.

LARSSON, Ellinor; LARSSON-LUND, Maria; NILSSON, Ingeborg. Developing social contact and participation in social activities: Seniors' experiences from asocial internet-based intervention process. *Gerontechnology*, [S.l.] 2017. v. 16, n. 2, p. 101-108.

MENDES, Jozelina *et al.* Interações sociais de idosos: mapeamento de estratégias pedagógicas para Educação a Distância. Porto Alegre, *Núcleo de Tecnologia Digital Aplicada à Educação (NUTED)*, Porto Alegre, p. 107-112, 2017.

NEVES, Barbara Barbosa; AMARO, Fausto. A utilização da internet pelas pessoas idosas: Uma perspectiva crítica. In: PASQUALOTTI, Adriano; GIL, Henrique; AMARO, Fausto. *Tecnologias de informação no processo de envelhecimento humano*, Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2015, p. 03-05.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PARADELA, Emylucy Martins Paiva; LOURENÇO, Roberto Alves; VERAS, Renato Peixoto. Validação da escala de depressão geriátrica em um ambulatório geral. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 36, p. 918-923, dez. 2005.

PASCHOAL, Sergio Márcio Pacheco. Qualidade de Vida na Velhice. In: DE FREITAS, Elizabete Viana. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2016. p.79-86.

PINHEIRO, Cecília Sommer. Conceitos relacionados ao envelhecimento. In: BERNARDO, Lillian Dias; RAYMUNDO, Taiuani Marquine. *Terapia Ocupacional e Gerontologia: interlocuções e práticas*. Curitiba: Appris, 2018, p. 21-30.

RAMOS, Teresa Maria Póvoa; GIL, Henrique. *A (i)literacia digital e as pessoas idosas: os cartoons e os seus estereótipos*. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco - Portugal, 2014.

SILVA, Bruna Giovana Buesso; CORREA, Mariele Rodrigues; FONSECA, Antonio. Apropriação e uso de novas tecnologias por idosos portugueses de uma Universidade Sénior. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 49-70, 2016.

SILVA, T. O.; SILVA, L.T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

TAVARES, Darlene Mara dos Santos *et al.* Qualidade de vida e autoestima de idosos na comunidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p. 3557-3564, 2016.

TAVARES, Marcia Fernandes. Transição demográfica e epidemiológica: o processo de envelhecimento populacional no Brasil. In: BERNARDO, L. D.; RAYMUNDO, T. M. *Terapia Ocupacional e Gerontologia: interlocuções e práticas*. Curitiba: Appris, 2018. p. 43-55.

TAVARES, Maria Matias Kesting.; DE SOUZA, Samara Tomé Correa. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. *Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p.1-7, jul. 2012.

TOWNSEND, Elizabeth; MARVAL, Rebecca. Profissionais podem realmente promover justiça ocupacional? *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 229-242, 2013.

VECHIATO, Fernando Luiz; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Contribuições de elementos do construtivismo e da mediação da informação para a inclusão digital de idosos. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 40-59, 2010.

Data de Submissão: 16/04/2020
Data de Aprovação: 04/09/2020